



ETÉOCLES GOLPISTA? UMA COMPARAÇÃO ENTRE OS SETE CONTRA TEBAS DE ÊSQUILO E AS FENÍCIAS DE EURÍPIDES

Prof. Doutorando Waldir Moreira de Sousa Jr¹

Resumo: Neste artigo pretendo analisar se é cabível classificar a atuação do personagem Etéocles, tanto em *As Fenícias* de Eurípides como em *Os Sete Contra Tebas* de Êsquilo, de golpista. Para isso, traço uma comparação entre essas duas obras, investigando os principais elementos influenciadores da ação de Etéocles, seja as pertencentes ao enredo, seja as pertencentes ao seu passado e evocadas por outros personagens. Êsquilo e Eurípides, tragediógrafos de gerações diferentes, embora tracem um quadro político distinto acerca da sucessão do trono de Tebas, mantêm um quesito fundamental para entender a ruína desse personagem.

Palavras-chave: Êsquilo; Eurípides; *As Fenícias*; *Os Sete Contra Tebas*.

O que o atual cenário da política brasileira tem em comum com os tempos de fundação da cidade de Tebas, na Grécia? As ressonâncias entre esses dois períodos tão diversos são visíveis quando se identifica que ambos estão marcados por uma crise em comum: a suspeita de que houve “golpe” na sucessão de governantes. No caso tebano, essa suspeita se deu na querela entre os irmãos Etéocles e Polínices, que eram os legítimos sucessores do poder da cidade depois da destituição de Édipo; no caso brasileiro, na querela política entre Dilma Rousseff (PT) e Michel Temer (PMDB), eleitos presidente e vice-presidente, respectivamente, da República. Em ambos os casos, essa querela se caracteriza sobretudo pela acusação de golpe feita pela parte preterida do poder contra a parte então ocupante. Põe-se em xeque, assim, a legitimidade do ocupante do poder executivo, desde que o impeachment de Dilma Rousseff levou ao poder Michel Temer².

Dossiê

¹ Mestre em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo. Doutorando em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo. Email: wsousajr@yahoo.com.

² Em 2014 os partidos PT e PMDB estabeleceram um acordo e lançaram a candidatura de Dilma, que tentaria sua reeleição como presidente, acompanhada de Temer, apontado como vice-presidente. Ambos foram eleitos de acordo com o sistema eleitoral vigente, mas em 2016 ocorreu uma cisão entre os dois partidos que resultou, depois de processo de impeachment no congresso, na deposição de Dilma e na consequente posse de Temer como presidente da República. A partir de então, formaram-se dois grupos antagônicos, entre a população e os parlamentares, que passaram a interpretar esses acontecimentos políticos sob prismas opostos: para um grupo, o impeachment de Dilma foi, na verdade, um golpe, de onde se começou a tachar o novo presidente como “golpista”; para outro grupo, ao contrário, esse processo foi feito de acordo com as leis constitucionais do país, ou seja, seria incorreto para eles atribuir a pecha de “golpista”.



Para iluminar essa questão, este artigo examina a questão tebana dos filhos de Édipo, Etéocles e Polínicos, a fim de fornecer um paralelo com o momento atual da política brasileira. Para isso, será feita uma comparação entre duas obras trágicas pertencentes a dois tragediógrafos: *Os Sete Contra Tebas*, de Ésquilo, e *As Fenícias*, de Eurípides. A partir dessa comparação, analisarei se é possível classificar a caracterização de Etéocles, em alguma dessas peças, de golpista. À vista disso, pretendo verificar como esses dois tragediógrafos delineiam esse problema, à primeira vista, político, e se, enfim, algum dos dois irmãos é descrito como agindo ilegitimamente.

A história de Tebas, da fundação aos tempos das gerações imediatamente posteriores, é bastante conturbada. Nomes de governantes como Cadmo, Penteu e Édipo, por exemplo, já trazem à memória atos repreensíveis que macularam a cidade. Será, entretanto, a partir do conflito entre Etéocles e Polínicos que a questão de sucessão pelo poder se vê nitidamente posta. Esse problema ocorre quando Édipo abdica do cetro ao descobrir que, na realidade, também foi um usurpador do poder da cidade por ter matado seu antigo rei, Laio, que também era seu pai. A partir daí, o mando da cidade deve passar para os filhos, mas ambos, não chegando a um acordo, acusam um ao outro de obter ou almejar o poder ilegitimamente. Contra Etéocles, que ocupa o posto de governante, Polínicos, portanto, mobiliza um exército estrangeiro para reivindicar o que julga ser seu por direito. Existiria um golpista nesta história?

Ésquilo e Eurípides viveram em tempos diferentes e tinham uma proposta de tragédia bastante diversa. Temporalmente, as peças que os dois dedicaram à luta entre Etéocles e Polínicos estão separadas por mais de meio século. A peça *Os Sete contra Tebas* foi encenada em 467 a.C., enquanto *As Fenícias* de Eurípides em 410 a.C., aproximadamente. A peça de Ésquilo é sucinta (contendo 1078 versos), traz em cena apenas personagens tebanos, e se foca quase exclusivamente na querela dos irmãos (apenas os versos finais delineiam a questão da intenção de Antígone de enterrar clandestinamente seu irmão, 1005-1078). Já Eurípides produz uma peça bastante longa, desenvolve temas paralelos (o auto-sacrifício de Meneceu, Antígone e o sepultamento de Etéocles, e o exílio de Édipo ocupam uma parte considerável da peça), apresenta um coro composto de mulheres estrangeiras (fenícias) e, bem ao gosto de seu tempo, constrói o embate entre os irmãos por meio de um debate retórico de cunho sofisticado³. Apesar de tudo isso, como veremos, argumento

3 Além disso, importa notar que em ambas as peças também está presente a descrição dos escudos dos guerreiros argivos feita por um mensageiro: *Os Sete contra Tebas* (375-652) e *As Fenícias* (1104-40). Sobre intertextualidade nos versos de Eurípides, ver Goff (1988). Sobre autenticidade desses versos na peça de Eurípides, ver Mastronarde (1978).



que a abordagem feita pelos dois tragediógrafos das causas definidoras do conflito é bastante semelhante: a cosmovisão religiosa está acima da política, como elemento que permeia a história pessoal de Etéocles⁴.

A história inicial de Tebas mostra que a cidade passou por muitos golpes⁵, por isso, antes de analisar a figuração de Etéocles nas duas peças, dedico uma seção deste artigo para discutir como as ações dos antepassados dessa personagem ainda reverberam em sua história. Depois, analiso separadamente o Etéocles esquiliano e o Etéocles eurípidiano. Ambos têm uma caracterização semelhante, mas o juízo que se é possível formar deles diverge devido à composição própria de cada uma das tragédias: Ésquilo não deu voz ao seu opositor, Polinices, enquanto em *As Fenícias* Polinices é visto arrazoando com seu irmão pelos seus direitos.

O PECADO ORIGINAL DE TEBAS

Em primeiro lugar, antes de classificar a atitude de Etéocles de “golpista”, é necessário levar em conta o passado de sua família, pois, dentro da mentalidade trágica grega, não é possível entender a rixa entre os dois irmãos apenas em termos políticos. No que diz respeito ao comportamento deles, as duas peças enfatizam, sobretudo por meio dos cantos corais, uma linha de continuidade entre a geração de Polinices e Etéocles e a geração de seus ascendentes. Essa “continuidade”, que se manifesta por elementos religiosos, indica que as ações dos antepassados dos filhos de Édipo se refletem ainda na história deles, e as decisões de Etéocles e Polinices, portanto, não podem ser entendidas apenas como fruto de uma “livre deliberação”.

Tanto a peça de Ésquilo como a de Eurípides explicitam esses fatores. Como diz Jocasta no prólogo de *As Fenícias*: “Ensandecido com seu destino,

4 Sobre Polinices, e sobre a justiça da contenda iniciada por ele em outras fontes, ver Moreau (1988).

5 Em *Héracles*, de Eurípides, temos notícia do golpe de Lico (26-34, negrito meu): “Há uma velha história entre os cadmeus de que existia outrora um certo Lico, esposo de Dirce, déspota desta cidade de sete torres, antes que os brancos potros gêmeos a governassem, Anfião e Zeto, nascidos de Zeus. Seu filho, chamado pelo mesmo nome do pai, não sendo Cadmeu mas da Eubéia tendo vindo mata Creonte e, matando-o, governa o país, irrompendo nesta cidade enferma de sedições”, tradução de Franciscato (2003). Como se sabe, a fundação de Tebas, segundo Homero (*Odisseia*, XI, 260-65), é atribuída a Zeto e Anfião. Na tragédia *Édipo Rei* de Sófocles, o personagem Édipo também suspeita de um golpe maquinado por Tirésias e Creonte contra ele: “Creon armou o ardil ou é obra tua?” (*Κρέοντος ἢ σοῦ ταῦτα τάξενρήματα*, 378). Adiante, Édipo é ainda mais incisivo em culpar Creonte e Tirésias (385-89), e a ideia de golpe vem com toda força nestas palavras de Édipo (399-400): “a mim pretendes expulsar agora, sonhando secundar Creon no cargo?”.



[Édipo] impiissimamente amaldiçoa os filhos: dividir-se-á esta casa pelo ferro afiado” (ἀράς ἀράται παισὶν ἀνοσιωτάτας, / θηκτῷ σιδήρῳ δῶμα διαλαχεῖν τόδε.66-8). Também em *Os Sete contra Tebas*, Etéocles, na iminência de enfrentar seu irmão na guerra, resume essa situação em termos parecidos: “ferveram as imprecações de Édipo” (Ἐξέζεσεν γὰρ Οἰδίπου κατεύγματα, 719).

A seguir, mostrarei como existe uma espécie de “pecado original” na história dos antepassados de Etéocles e como esse “pecado” reverbera e produz consequências maléficas para a sua cidade.

As Fenícias: o presente atrelado ao passado

A peça *As Fenícias* confere bastante importância ao passado mítico de Tebas, seja por meio dos cantos corais, seja por meio das falas de alguns personagens. Traçando-se uma linha de continuidade entre os fatos do presente da ação dramática e o passado da cidade, é possível observar uma relação de causa e efeito entre esses dois momentos. O desenrolar do conflito entre os dois irmãos é ainda, portanto, consequência de atos perpetrados por seus antepassados. Como vimos, Jocasta explicou a querela entre os filhos mencionando as maldições lançadas por Édipo. Mais do que isso, ela, no prólogo, explica toda a situação calamitosa de sua casa e de sua cidade retrocedendo a um episódio já distante de seu tempo: a chegada de Cadmo à Beócia. Este, que é o ponto fundacional decisivo de Tebas, já implica o começo de seus infortúnios: “[ó Sol,] que raio de desgraça contra Tebas lanceste aquele dia, quando Cadmo veio até esta terra” (4-5). Assim, atrelando-se a ação dramática aos eventos do passado, estes serão rememorados em diversos pontos da peça⁷.

O primeiro estásimo contém a narrativa mais relevante para se entender a “dívida” de Tebas para com o momento de sua fundação. Aí o coro relata a chegada de Cadmo na Beócia, vindo de terras fenícias, mais especificamente de Tiro. Esse evento em si encerra o cumprimento de um oráculo (χρησμών, 642) e, portanto, a fundação de Tebas responde a um desígnio divino e a põe em um plano de ações não meramente humano. Há, porém, um elemento complicador que reverberará no futuro da cidade: a presença de um dragão funesto (φόνιος δράκων, 657), o “arisco guardião” (ὀμόφρων φύλαξ, 657)

6 Neste artigo, utilizarei a tradução de Sousa Jr (2015) para *As Fenícias* e de Jaa Torrano (2009) para *Os Sete Contra Tebas* de Ésquilo.

7 Para uma análise mais detida sobre a conexão desses diversos momentos de Tebas, ver Sousa Jr (2015, pp. 38-59).



dessa região fértil (χλοηφόρους, 647, e βαθυσπόρους, 648), e que pertence a um deus, Ares. Uma vez que não será possível a Cadmo tomar posse dessa localidade enquanto o dragão estiver presente, faz-se necessário matá-lo. Esse ato representa o início de uma cidade marcada por uma prosperidade maculada: próspera, pois será terra de nascimento do deus Dioniso; maculada, pois legará às gerações futuras muitos sofrimentos. Eis a ideia de “pecado original”, que foi primeiro explorada por Mastronarde (1994, p.330):

Matar a serpente ctônica na fonte do rio produz um clamor pelas riquezas naturais da terra para instalação de uma civilização humana, mas os atos fundacionais são também crimes que representam um ‘pecado original’ da civilização do qual ela não pode ser totalmente libertada – um tema que reforça a reflexão da peça na falibilidade do λόγος e da σοφία e no poder dos elementos irracionais/sobrenaturais na vida humana.

O que se sucede dessa matança fará eco à futura matança que Etéocles e Polinices infligirão a si mesmos. Cadmo, aconselhado por Atena⁸, joga os dentes na terra (δικῶν ὀδόντας, 668), e, a partir disso, Terra gera um exército de homens armados (πάνοπλον ὄψιν, 671), os Semeados, que têm, porém, uma vida breve: assim como os filhos de Édipo, os Semeados são “irmãos” e se matam um ao outro: “férrea-alma morte os reata à terra mãe⁹” (672-3).

A história do fim trágico de Etéocles e Polinices figurará, portanto, como espelho daquela dos Semeados. As semelhanças são nítidas. Os filhos de Jocasta, quando se matam, também retornam, de certa maneira, ao seio de sua mãe. Quando Etéocles e Polinices estão fatalmente feridos, Jocasta está presente como consoladora nos últimos instantes de vida dos filhos e se une a eles também na morte (1427-1459). O vocabulário também apresenta ressonâncias: a morte que une os semeados é de “férrea-alma” (σιδαρόφρων, 672), assim como é pelo ferro afiado (θηκτῶι σιδήρῳι, 68) que a casa de Édipo se divide – significando aqui a contenda entre os irmãos.

Por meio de Cadmo é transmitido como que um mau agouro que perpassa várias gerações dos governantes de Tebas, e a peça em si estabelece nitidamente, no prólogo, uma sucessão de erros que se iniciam em Laio e chegam

8 Sobre discussão da presença do nome de “Atena” no texto de Eurípidés, ver Craik (1988, p.204) e Mastronarde (1994, pp. 341-42). Embora não explicitado no texto, esse ato de Cadmo traz à mente a imagem de sementeira, que retoma a imagem utilizada por Jocasta no prólogo ao falar de sua união com Laio: “ele [Laio] nos semeia um filho” (ἔσπειρεν ἡμῖν παῖδα, 22).

9 A história dos “Semeados” (σπαρτοῖ) é retomada pelo coro no 2º estâsimo (818-21), por Tírésias (939-940), por Meneceu (1008), e por Etéocles (transmitido pelo discurso do mensageiro, 1235).



a Etéocles e Polinices¹⁰. Assim, o problema se inicia quando Laio desobedece ao oráculo de Delfos, que lhe proibiu gerar filhos. As consequências desse ato seriam funestas não somente para ele, uma vez que Édipo, seu filho, o mata (“se de ti nasce um filho, mata-te a ti o primogênito”, 19), como também para toda a casa, como fica claro a partir da segunda parte da profecia: “toda a tua casa em sangue soçobrará” (20). Por sua vez, Etéocles e Polinices atraíram para si a maldição paterna quando, ao se tornarem adultos, trancam o pai dentro do palácio, como tentativa de fazer esquecer o passado ignominioso que os cerca (63-5). A segunda parte do oráculo de Delfos então se perfaz quando os filhos de Édipo tiram a vida um do outro.

De certa forma, o destino de Etéocles e Polinices estão traçados desde o nascimento, mas isso não impede que a decisão de Etéocles de banir seu irmão seja julgada sob termos de “justa” ou “injusta”, como veremos posteriormente.

Sete contra Tebas: uma peça cheia de Erínies

Também a peça *Sete Contra Tebas* utiliza o passado da cidade como material para enriquecer o seu enredo¹¹. Principalmente a partir do segundo estásimo (720-91) é traçada uma linha de continuidade entre o presente e o passado, em tom de lamentação, que indica a ruína iminente dos filhos de Édipo. De novo, portanto, vê-se que há fatores por detrás da ação de Etéocles e Polinices que o impelem para a morte. Nesse ponto em específico, há algumas semelhanças significativas com o drama euripídiano, contudo, em *Os Sete*, será a influência sobretudo das Erínies que arquitetará o desenrolar da história dos dois irmãos.

Em primeiro lugar, destaco que, tal como no prólogo de *As Fenícias* (68), no drama esquiliano o destino dos irmãos será separado pelo ferro. O coro encerra o segundo estásimo indicando, dessa maneira, que Etéocles e Polinices terminarão em contenda: “[Édipo] lançou sobre os filhos – *aiá!* – acerbas pragas de obterem no sorteio com a mão munida de ferro os haveres” (786-90). Duas palavras são comuns e resumem a situação futura dos irmãos nas duas peças:

10 O problema de Laio remonta ao caso de Crisipo, mas a peça não faz menção em momento algum a esse episódio. Sobre Laio e Crisipo, ver Amiech (2004, p. 15-16).

11 A sucessão de erros e desgraças que se perpetuam pelas gerações, tão claramente delineada por Eurípides em *As Fenícias*, talvez fosse observável na tetralogia como um todo a qual os *Sete* fez parte: *Laio*, *Édipo*, *Os Sete Contra Tebas* e *Esfinge*. Segundo Gantz (2007, p. 44), essa disposição de peças “criava um padrão de crime e punição ao logo de gerações sucedâneas que ainda permanece popular nas interpretações esquilianas”. Ver tentativa de reconstrução de enredo dessas peças fragmentárias em Gantz (2007, p. 44-7).



em Êsquilo, *σιδαρονόμωι*¹² (788) e *λαχεῖν* (789); em Eurípides, *σιδήρωι* (68) e *διαλαχεῖν* (68). A diferença vocabular se dá por conta do objeto que será dividido por eles: em Êsquilo, os haveres (*κτήματα*, 790), em Eurípides, o palácio (*δῶμα*, 68). Ao contrário do que se lê em *As Fenícias*, todavia, não fica claro qual o motivo de Édipo ter lançado tais pragas nos filhos¹³ – segundo Hogan (1984, p.268) “não sabemos que falta especificamente teria ocorrido na versão de Êsquilo”.

Entretanto, em *Os Sete contra Tebas*, a influência sobrenatural que permeia os caminhos dos dois irmãos é sentida sobretudo pelas Erínies – tanto que, tão correto como dizer que essa é uma peça “cheia de Ares”, poderíamos dizer que essa é uma peça também “cheia de Erínies¹⁴”. Na verdade, em duas ocasiões o coro resume as mortes de Etéocles e Polinices valendo-se em sua explicação dessas divindades: “Senhora Erínis de pai Édipo cumpriu forte verdade” (886-87) e “poderosa sombra de Édipo, negra Erínis, tens grande força” (976-7, idem em 987-88).

O entendimento de que as Erínies são responsáveis pela querela entre Etéocles e Polinices é desenvolvido sobretudo pelo coro¹⁵. Ao final do segundo episódio, o coro tenta persuadir Etéocles a não lutar pessoalmente contra seu irmão na sétima porta, crendo ser possível que aquele fuja das Erínies: “não te precipites! Não serás chamado vil por lograres viver bem. Erínis de negra égide não sairá do palácio, quando de tuas mãos Deuses acolherem sacrifícios?” (698-701). A percepção de que a causa da luta é originada pelas Erínies, então, culmina no início do segundo estásimo, no canto coral que sucede a decisão de Etéocles de não seguir o conselho do coro e de ir à sétima porta: (720-26):

Dá-me horror que a lesa-lares
Deusa dissimil dos Deuses,

12 Também na antístrofe beta do segundo estásimo (727-33), o coro explica que a divisão entre os irmãos se dará por meio do aço e que o fim dessa divisão não será outro senão a morte de ambos: “hóspede, forasteiro da Cítia, o aço distribui as herdades: divisor e bens e de posses, o amargo cruel ferro sorteou residirem na terra que os contenha defuntos sem parte nas grandes planícies”.

13 Outros fatores são igualmente mencionados como causadores do conflito e da subsequente morte dos irmãos: “pragas paternas” (*πατρὸς ἀραι*, 655), “a negra Praga”, (*μέλαιν’ Ἀρά*, 695), “imprecações de Édipo” (*Οἰδίπου κατεύγματα*, 709), “o Nume” (*ὁ δαίμων*, 812), “maligno Ares” (*κακὸς Ἄρης*, 945), “miseria Parte” (*Μοῖρα μογερά*, 975). Por fim, o coro interpreta o fim da luta entre os irmãos como resultando um “troféu de Erronia” (*Ἄτας τροπαίων*, 956).

14 Em *As Rãs* de Aristófanes, Êsquilo diz que compôs uma peça “cheia de Ares” (*δρᾶμα ποιήσας Ἄρεως μεστόν*, 1021), referindo-se aos *Sete*.

15 Embora a primeira menção a essa divindade é feita pelo próprio Etéocles no primeiro episódio (70).

verdadeira maligna adivinha
Erínis impredada pelo pai
cumpra as iracundas
pragas de Édipo demente,
filicida Rixa aqui ativa.



Entretanto, não fica claro na peça por que as Erínies estão perseguindo os filhos de Édipo. Em *As Fenícias*, como vimos acima, é relatado pelo menos um erro perpetrado por Etéocles e Polinices: eles trancaram Édipo no palácio. Pouco se sabe além disso. Como explica Hesíodo, as Erínies nascem do respingo de sangue, fecundado na Terra, do membro viril do deus Céu cortado por Crono (*Teogonia*, 180-185). Nem Etéocles nem Polinices cometeram algum crime de morte contra a família. Sabemos pela epopeia *Tebaida* que a ação das Erínies contra os dois irmãos se origina quando Édipo lança pragas contra eles, enfurecido por receber de Polinices utensílios de mesa pertencentes a Laio¹⁶. Segundo Hogan (1984, p.268), Édipo teria posto em interdito todos os pertences de Laio; o autor também cogita na possibilidade de Édipo ter recebido dos filhos uma porção de comida proibida por ele, ou uma porção menos honrosa¹⁷. Talvez os espectadores da peça conhecessem de antemão essa história, talvez Êsquilo a tenha trabalhado nas duas peças anteriores da trilogia, o fato é que *Os Sete* não explicitam de onde surgem essas Erínies¹⁸.

16 A seguir, faço a tradução do fragmento da *Tebaida* referente a esse tema (edição de Davies (1988)):

Fr.2:

αὐτὰρ ὁ διογενὴς ἦρωσ ξανθὸς Πολυνείκης
πρῶτα μὲν Οἰδιπόδῃ καλὴν παρέθηκε τράπεζαν
ἀργυρέην Κάδμιοιο θεόφρονος· αὐτὰρ ἔπειτα
χρύσειον ἔμπλησεν καλὸν δέπας ἠδέος οἴνου.
αὐτὰρ ὁ γ' ὡς φρασθῆ παρακείμενα πατρὸς εἴοτο
τιμῆντα γέρα, μέγα οἱ κακὸν ἔμπεσε θυμῷ
αἶψα δὲ παῖσιν εἴοσι μετ' ἀμφοτέροισιν ἐπαρὰς
ἀργαλέας ἤρατο· θεὸν δ' οὐ λάνθαν' ἔρινυν.
ὡς οὐ οἱ πατρώϊ ἐν ἠθείρῃ φιλότῃτι
δάσσαιντ', ἀμφοτέροισι δ' αἰεὶ πόλεμοί τε μάχαι τε.

Mas o divino herói, o loiro Polinices,
primeiro pôe a Édipo bela mesa
argêntea de Cadmo de ânimo divino.
Enche de doce vinho sua bela taça áurea.
Quando percebe estarem os estimados
presentes de seu pai diante de si, um grande
mal lhe cai no ânimo, e rapidamente ele
roga duras pragas contra os filhos. Das
rápidas Erínies isso não escapa. Os bens paternos não
serão divididos em confiável amizade,
[mas sempre haverá guerras e lutas para eles

17 O fr. 3 da *Tebaida* trata da questão da comida oferecida a Édipo pelos filhos:

Fr. 3:

ἰσχίον ὡς ἐνόησε χαμαὶ βάλε εἰπέ τε μῦθον·
ὦμοι ἐγὼ, παῖδες μὲν ὀνειδείοντες ἐπεμψαν...
εὐκτο Διὶ βασιλῆϊ καὶ ἄλλοις ἀθάνατοισι
χερσὶν ὑπ' ἄλλῃλων καταβήμεναι Ἄιδος εἴσω.

(Tradução do autor).

Segundo Thomson (1968, p.282), ao invés de uma coxa, os filhos deveriam oferecer o ombro, que seria a porção real destinada a ele.

Ao reconhecer a coxa, joga-a ao chão e diz:
Ai, os filhos reprovando-me, enviam-me...
Ele ora ao soberano Zeus e aos outros imortais
Descerem ao Hades pelas próprias mãos.

18 De *Laio* e Édipo de Êsquilo restam apenas dois pequenos fragmentos. Fr. 122 traz apenas duas palavras e o fr.387a, que contém três versos, menciona a junção de três estradas perto de Tebas. Ver discussão desses fragmentos em Sommerstein (2008).



De qualquer maneira, fica evidente que há forças de um plano sobre-humano agindo na vida de Etéocles e Polinices e os conduzindo ao fratricídio mútuo. Principalmente o segundo estásimo traça esse *background* religioso para a querela. Na estrofe beta (734-41), o coro resume a calamidade iminente da cidade como resultante de eventos passados (“ó novas dores do palácio mescladas a antigos males”, 739-40) para começar, na antístrofe que segue, a fazer o relato da origem dos erros que ora culminam em Etéocles e Polinices. Existe uma “transgressão originária” (παλαιγενῆ παρασίσαν, 742-3) que ainda repercute na família de Édipo, e essa transgressão remonta a Laio, ou seja, durou “três vidas” até alcançar os filhos de Édipo (αἰῶνα δ’ ἐς τρίτον μένει, 744). De fato, no segundo episódio, Etéocles já havia mencionado, antevendo sua morte na luta contra o irmão, a culpa de Laio: “toda a estirpe de Laio odiada por Febo¹⁹” (691). A estrofe gama (750-57) então narra o erro de Laio, a saber, gerar um filho (Édipo) a desmando do oráculo de Apolo²⁰. Na estrofe delta (766-71) novamente o coro traz à tona o elo que liga o presente calamitoso ao passado: “cumprem-se os graves acordos de outrora proclamadas pragas” (766-7).

Assim, em forma composição de anel, o segundo estásimo se fecha, da mesma maneira como ele foi aberto: aparecem novamente as Erínies ocupando papel central no fim desastroso dos dois irmãos. Na antístrofe épsilon (777-84), o coro retoma a história de Édipo e explica que, por causa de seu mau destino, ele gera “gêmeos males” (δίδυμα κάκ’ ἐτέλεσεν, 782): um mal referente a si mesmo, a saber, o cegamento produzido em seus olhos, o outro referente aos seus filhos. Assim, na antístrofe épsilon (785-91) o coro coloca toda a divisão entre Etéocles e Polinices sob a dimensão de atuação das Erínies: “e agora temo cumprirem-se as curvípedes Erínies” (790-1).

Tal como em *As Fenícias*, nas análises posteriores sobre a questão do “golpe” de Etéocles em *Os Sete Contra Tebas*, será imprescindível considerar, portanto, que as ações dos irmãos também respondem a uma dimensão superior a eles que remonta a eventos do passado de sua família.

ETÉOCLES ESQUILIANO

O ponto central da análise desta seção diz respeito à legitimidade ou ilegitimidade do poder de Etéocles em Tebas, ou seja, pretendo investigar

19 Além disso, o mensageiro, ao relatar a morte dos irmãos na sétima porta, assim retoma a história de Laio: “a sétima [porta], o venerável guia septenário rei Apolo capturou, na prole de Édipo, cumprindo antiga imprudência de Laio” (802-03). E, em seguida: “[Etéocles e Polinices] terão a terra que pegarem na tumba, levados por infelizes preces do pai” (818-19, negrito meu).

20 Nos trechos rememorativos da peça, faz-se pouca alusão à Jocasta. No êxodo, ela é descrita em termos negativos por causa da descendência que gerou: “Tem mau Nume a que as gerou perante todas as mulheres que genitoras se dizem” (927-29).



se Etéocles pode ser considerado como golpista em *Os Sete Contra Tebas*. Questões sobre a legitimidade de Etéocles no trono já foram postas por Patzer (1958), e o autor chega à conclusão que Ésquilo não deixa claro a resolução desse problema. De modo semelhante, Fritz (2007, p. 147) diz que “a questão da origem da contenda, e portanto do certo e do errado, não é clarificada. Mas se Ésquilo quisesse colocar Etéocles como errado, então ele teria que o fazer mais explicitamente”. Aqui, entretanto, dando continuidade à análise feita acima sobre as consequências dos erros familiares cometidos no passado, proponho analisar o possível “golpe” de Etéocles à luz dos elementos religiosos evocados pelos personagens e pelo coro ao longo da trama.

É inegável que a postura de Etéocles é aquela de um bom governante. Vernant (2008, p. 245) assim resume a participação total de Etéocles na peça: “Etéocles perde a vida, mas ganha a guerra. Durante toda a peça, permanece o bom piloto, o *oiakostróphos* do verso 62, o navegador que sabe guiar na tempestade o navio da cidade, presa dos elementos desencadeados”. De fato, mostrarei a seguir que, na parte da tragédia que precede à batalha entre os irmãos, é possível verificar que, com relação a si mesmo, à cidade e ao coro, Etéocles é visto em termos positivos, e apenas após sua morte o coro começa a fazer um questionamento sobre suas decisões.

Em primeiro lugar, com relação a si mesmo, Etéocles obviamente não poderia considerar-se governante ilegítimo, visto que ele aceita guerrear com o irmão e não lhe cede o poder de bom grado. A oração que ele faz ao fim do prólogo, em especial, indica que ele se vê como legítimo governante da cidade. Além de invocar Zeus e Terra, ele invoca os “deuses tutelares da cidade” (πολιισοῦχοι θεοί, 69), ou seja, ele se vê integrado com as tradições de sua cidade – e não em ruptura. Ademais, com relação ao pedido que ele faz, “não extirpeis [minha cidade] pilhada, ainda que verta fala grega” (72), Rosenmeyer (1982, p.318) afirma que aí se estabelece uma diferença entre as duas cidades beligerantes, indicando que os argivos seriam identificados como bárbaros, ou seja, faz de Polinices um estrangeiro e, portanto, indigno de governar²¹. Ao fim da oração, ele estabelece ainda sua legitimidade a partir da autoridade coletiva da cidade, deixando claro que não quer falar em interesse próprio, mas por toda a comunidade: “espero falar em comunidade, pois, ao prosperar, a cidade honra os numes” (76-77).

Mais importante nessa questão é notar que, para a cidade, Etéocles não é considerado golpista. Isso fica evidente sobretudo após sua morte por meio

21 Para Thomson (1968, p.282), “a alusão ao povo de Tebas como falante de grego (de fato, é claro, o inimigo também o era) quer dizer que devemos considerar a expedição contra Tebas à luz da invasão persa”.



da fala do arauto, que fala em nome de Tebas. Assim, transmitindo “as decisões e os decretos de conselheiros públicos” (1005-6), ele revela que Etéocles foi julgado herói da cidade, enquanto Polinices, traidor. Ora, finda a querela, a cidade poderia ponderar o caso e estabelecer que ambos os irmãos lutaram com justiça, mas, ao contrário, ela chancela apenas a conduta de Etéocles, e não a de Polinices. A condenação moral dos atos de Polinices, então, chega ao ápice de se proscrever o enterramento de seu cadáver. Mesmo morto, a repreensão feita contra ele é brutal. Em contrapartida, a Etéocles é destinado um sepultamento honroso, uma vez que foi “pio” e “irrepreensível” (1010). Todas essas decisões e reflexões feitas pela cidade estão contidas no início da cena final, na fala do Arauto (1007-1016):

A este Etéocles, por bem querer a terra,
decidiram sepultar com exéquias próprias:
a odiar inimigos teve morte na cidade,
pio ante pátrios templos e irrepreensível
morreu onde é bela a morte dos moços.
A respeito dele a ordem é falar assim.
Este seu irmão, o cadáver de Polinices,
lançar fora insepulto, presa de cães,
porque subverteria a terra cadmeia
se um Deus não se opusesse à sua lança.

Ressalte-se que o arauto fala em nome da cidade como um todo, não apenas de um grupo (que poderia ser aliado de Etéocles), como deixa claro seu último verso: “tal é o decreto do poder dos cadmeus” (1025). Somente Antígone irá se contrapor a tal disposição (1026-41), e a contenda verbal entre ela e o arauto reforça a visão negativa formada pela cidade a respeito de Polinices²² (“a quem a cidade odeia”, 1046). Antígone tenta defendê-lo (“maltratado, com maus tratos respondeu”, 1049), mas novamente a resposta contra sua argumentação evoca os interesses gerais de Tebas. Assim, o arauto critica a guerra promovida por Polinices, porque não foi apenas contra quem ele tinha rixa, mas contra toda a cidade (“mas contra todos, não um, era a proeza”, 1050).

22 Como um todo, no segundo episódio, os soldados argivos são descritos como soberbos. Em ordem de aparecimento, as seguintes palavras, provenientes de Etéocles ou do coro, resumem depreciativamente a ação dos guerreiros argivos: Tideu: “ultraje” (ὑβριν, 406); “soberba lança” (ὑπερκόπῳ δορί, 455); Etéoclo: “soberbos”, “com ânimo louco” (ὑπέραυχα, μαινομένῳ φρενί, 483-4 – não especificamente direcionado a ele, mas dito depois de sua apresentação); Hipomedonte: “ultraje de homem” (ἀνδρὸς ὑβριν, 502), Partenopeu: “ímpios alardes” (ἀνοσίους κομπάσμασιν, 551). De maneira geral, o coro se refere aos tebanos como “ímpios varões” (ἀνοσίῳν ἀνδρῶν, 566). Apenas Anfírau é tido como justo, em oposição à injustiça daqueles que o acompanham: “que auspício associa o homem justo aos outros ímpios mortais” (597-8).



O coro, entretanto, nesse ponto se divide. Uma parte apoia Antígone (1066-72), reclamando da inconsistência dos pareceres da cidade (“e ora isto ora aquilo a cidade considera justo”, 1071-2), enquanto outra parte decide seguir a cidade: “e nós, com este, tal qual a cidade e a justiça consideram justo”, 1073-4). Não haverá um consenso posterior entre esses dois grupos do coro porque a peça se encerra nesse momento. Essa divisão de opinião não está presente, porém, antes da batalha. No segundo episódio, ao comentar a escolha de Etéocles pelo guerreiro Melanipo para se opor a Tideu (397-416), o coro legitima a defesa da cidade caracterizando-a como “justa”: “que os deuses deem ao meu campeão boa sorte, pois ergue-se **com justiça** defensor da cidade” (417-19, negrito meu). Mastronarde (2010, p.197) destaca alguns momentos em que o coro entra em desacordo com Etéocles, mas tais divergências não entram no mérito da justiça de suas ações, apenas questionam o rumo melhor que a cidade deveria tomar na defesa contra os argivos.

Por essas razões, é difícil classificar Etéocles de golpista em *Os Sete Contra Tebas*²³. Some-se a isso o fato de Polinices não ter fala. Como o faz em *As Fenícias*, ele não pode se defender, nem pode acusar seu irmão. É possível saber que ele se pôs em guerra contra sua cidade em nome da Justiça a partir da descrição feita pelo mensageiro sobre seu escudo – nele, há um guerreiro conduzido por uma mulher identificada como “Justiça” e o seguinte dizer: “conduzirei este varão e terá a cidade e os aposentos do palácio paterno” (647-8). Entretanto, como não há uma discussão face-a-face entre os irmãos, Etéocles se contrapõe a Polinices esvaziando enfaticamente todas as ações do irmão, desde o ventre materno, de justiça (664-67). Etéocles, portanto, vê apenas a si como justo (“com esta confiança, irei e combaterei eu mesmo. Quem mais é mais justo?”, 672-73), e não há quem lhe contraponha de igual para igual.

Em *As Fenícias*, Eurípides trará à cena outros aspectos dessa questão, principalmente colocando-a à luz da técnica sofisticada, como veremos a seguir,

23 Além do posicionamento favorável a ele de diversos personagens, as Erínias, como vimos, são fatores decisivos em suas ações. Muito se tem escrito sobre a mudança súbita de personalidade de Etéocles a partir do momento em que, após estabelecer os sete guerreiros tebanos para fazer frente aos sete argivos, ele resume a sua presente situação com um apelo desesperado aos deuses: “ó furor de Deus, grande horror de Deus! Ó toda pranteada nossa raça de Édipo! Ómoi Cumpridoras são as pragas paternas” (653-55). Ver discussão sobre diversos estudos sobre essa ruptura em Fritz (2007). Sobre a personalidade “dupla” de Etéocles, que muda de humor radicalmente a partir do verso 653, bem como a influência que sentira Etéocles das Erínias, ver Vernant (2008, p. 241-46). Mastronarde (2010, p.202) destaca o papel de ἄτη na tomada de decisão de Etéocles (conjugada com sua inclinação pessoal) de lutar contra o irmão. De fato, a partir desse momento, o líder confiante começa a antever sua morte (695-7, 709-11). Como notado por alguns estudiosos, esses versos representam, no andamento da peça, uma ruptura. Para Solmsen (1937), o trabalho das Erínias, estando até o presente momento da peça velado, começa nesse momento – Apud Fritz (2007, p. 143-4). Para Fritz (2007, p. 144), o Etéocles ponderado sofre um choque: “seu equilíbrio mental é completamente perturbado”.



mas que em nada alterará a fim dos acontecimentos: independentemente de quem retinha a justiça nessa contenda, o destino dos dois irmãos é perecerem um pela mão do outro. Entretanto, o “golpe” de Etéocles ficará mais evidente diante da acusação de seu irmão e da tentativa de reconciliação feita por Jocasta.

ETÉOCLES EURIPIDIANO

Em *As Fenícias*, é possível se falar em “golpe” da parte de Etéocles, porque, como explica Jocasta no prólogo, foi feito um pacto entre os irmãos concernente ao governo da cidade: “Polinices, mais jovem, exila-se primeiro da terra, voluntariamente, e Etéocles, permanecendo aqui, retém o cetro, revezando-o anualmente (71-74). No grego, dois verbos marcam bem esse pacto: eles primeiro “estando concordes” (ξυμβάντ’, 71), “estabelecem [um plano]” (ἔταξαν, 71). Aqui, portanto, há algo de concreto que os compromete politicamente, a saber, o acordo de se revezar o poder anualmente. À vista disso, quem quer que quebre tal acordo injustamente pode ser tachado de “golpista” sem ressalvas. De fato, ainda no prólogo, Jocasta informa que Etéocles quebra esse acordo: “Etéocles, porém, entronado no poder, não cede seu trono e como pária destas plagas expulsa Polinices” (74-76).

Entretanto, Etéocles não se vê como golpista. Embora Jocasta e o coro se mostrem solidários a Polinices – sem serem, contudo, simpáticos à guerra promovida por ele, como veremos a seguir – Etéocles é inflexível. Sua primeira fala (446-51) é brusca, rápida e cheia de raiva²⁴. Ele atende o chamado de sua mãe para dialogar com o irmão, mas deixa claro que entende esse momento como uma interrupção nas suas atividades de preparação para a guerra: “ao redor dos muros e dos pares do exército parei de comandar os cidadãos” (447-49). Ao mencionar sua atividade de líder militar, ele aqui já antecipa que não será pelo diálogo que resolverá a contenda com Polinices.

Assim, a oposição feita a Etéocles é feita por três personagens: Polinices, Jocasta e o coro. Polinices, logicamente, classifica de injusto seu banimento: “injustamente expatriado, habito o estrangeiro”²⁵ (369-70). Jocasta também

24 Conforme se depreende a partir da reação de Jocasta: “Tem-te, Etéocles. A pressa não produz justiça (...). Relaxa este terrível olhar e este respirar irado. Não vês a cabeça sem pescoço de uma górgona, mas vês teu irmão recém-chegado” (452-56). Mesmo a partir somente da fala de Etéocles é possível se depreender isso: segundo Craik (1988, p. 195), “as frases curtas, com sintaxe convulsiva, indicam a raivosa impaciência de Etéocles”.

25 No diálogo travado entre ele e sua mãe no primeiro episódio (356-442), Polinices relata as agruras do exílio. Na literatura posterior, segundo Mastrorarde (2010, p.8), “fragmentos e passagens de Teles, Favorinus, Epictetus, e Plutarco mostram que Polinices em *As Fenícias* era um exemplo padrão utilizado em argumentos contra a falsa avaliação do exílio na moralidade convencional”.



caracterizara em termos negativos a atitude de Etéocles de banir o irmão, pois, para ela, houve um ultraje (λώβη) nessa decisão: “Ai, filho [Polinices], deixaste erma a casa paterna como êxule, expulso e ultrajado pelo irmão” (317-19). Importante notar que, nesse ponto, ela abertamente condena a atitude de Etéocles, pois Mastronarde (1994, p. 241) mostra que, em todos os outros momentos, ela adota uma postura neutra sobre essa questão. De fato, ao se pronunciar depois das *rhéseis* dos dois irmãos no primeiro episódio, ela se questiona onde estaria a justiça na decisão de Etéocles de não ceder o poder a Polinices (ποῦ ἔστιν ἡ δίκη; 548), mas também critica a insensatez (ἄσύνητα) de Polinices de entrar em guerra contra a própria cidade (568-85). O coro, por sua vez, também tem um posicionamento claro. Para Polinices, ele adota uma postura de aprovação: “para mim, embora não tenha sido criada em terra grega, pareces falar com inteligência²⁶” (497-8). Para Etéocles, por outro lado, adota uma postura de censura: “não se deve falar bem de ações não belas, pois belo isso não é, mas sim odioso à justiça” (526-7). Pode-se dizer que o coro seja audacioso de proferir tais julgamentos, mas, como ele mesmo afirma, ele almeja ver a reconciliação entre eles²⁷ (445, 587).

Em resumo, tudo converge para ressaltar a justiça da solicitação de Polinices²⁸. Sousa e Silva (2005, p. 213), por exemplo, traça com tons negativos a figura de Etéocles enquanto ameniza a responsabilidade de Polinices pela sorte de Tebas:

Etéocles é acusado de ambição, de injustiça, por um Polinices disposto a abandonar as armas desde que veja satisfeita a sua reivindicação e repostas as regras estipuladas pelo acordo. Afinal a sorte de Tebas está nas mãos de Etéocles e o que se lhe pede não é o sacrifício de nenhum direito, mas o simples cumprimento de sua palavra. O rei de Tebas é chamado a usar por sua vez do discurso e vai exibir suas qualidades de hábil sofista em defesa de uma causa injusta. Escudado na premissa sofisticada da relatividade do conhecimento e dos valores, Etéocles repudia a opinião do adversário a que o coro dera força. (...) E o novo Etéocles revela-se com uma identidade de homem egoísta

26 Ver jogo irônico quando o coro ressalta sua origem não-helênica e quando utiliza a palavra “inteligência” (ξυνητά) em Mastronarde (1994, pp. 287-88).

27 Para Froidefond (1977, p.222), apenas com a morte dos dois irmãos atinge-se o meio-termo que reconcilia os extremos que eles nunca conseguiram resolver em vida.

28 Sousa e Silva (2005, p. 212-13) enumera outros trechos na peça que reconhecem a justiça do pedido de Polinices pelo poder (481 ss.; cf. 74-76): “e a legitimidade que assiste a esta reclamação vai sendo por todos reconhecida; por Jocasta que recorda, no prólogo, a recusa de Etéocles de cumprir o acordo (74-76), pelo velho pedagogo, que, apreensivo, do alta das muralhas assiste à aproximação do inimigo (154ss.), pelo coro, retido por acaso numa cidade conturbada (258ss)”.



e mesquinho, que, à frente dos interesses dos concidadãos, põe os próprios, e sobre o pedestal da sua veneração não a pátria, mas τυραννίς, 'o Poder', a mais poderosa das divindades. Por esse outro deus, o monarca é capaz de todos os impossíveis, numa manifestação de empenho e denodo que retém da figura esquiliana, mas que aplica numa luta por um ideal inferior e individualista. Se para deter o poder for necessário cometer um crime, pois será belo cometê-lo em nome de um objetivo que lhe parece tão belo.

Mais uma vez, portanto, reforça-se seu caráter de golpista em *As Fenícias*. Mastronarde (1994, p.292) alinha a atitude de Etéocles com uma imoderação que conduz, ao fim, ao descaso às regras do acordo: “a avaliação de Etéocles de tirania está alinhada com a tradição que a vê como uma licença quase divina para fazer sem punição o que se quiser²⁹”. Nesse sentido, até mesmo Etéocles reconhece a injustiça de seus atos: “se é mister ser injusto, pelo poder supremo isso é o mais belo a se fazer” (524-25). Com um discurso marcado pela sofística em voga na época da encenação na peça³⁰, Etéocles, o “jovem astuto amoral³¹”, portanto, nunca cederá o poder, seu bem maior, independentemente de estar ferindo com essa ação a justiça (503-21):

29 A palavra τυραννίς aparece 6 vezes relacionada ao governo de Etéocles, seja na fala desse próprio personagem, seja na fala de Jocasta, quando esta pede moderação para o filho: 506, 523, 524, 549, 560 e 561. Segundo Mastronarde (1994, p.292), “apesar de a palavra τυραννίς poder ser um sinônimo não pejorativo para βασιλεία na tragédia, Eurípidés está certamente contando com as associações negativas da palavra aqui e em 523-4”. Também para Medda (2006, p.172), a τυραννίς evocada por Etéocles em 506 tem uma conotação de um regime despótico.

30 Em diversos pontos, Mastronarde relaciona Etéocles à sofística. Assim, segundo esse autor, Etéocles reflete a cultura intelectual contemporânea de tal maneira que suscita choque e desaprovação (2010, p.215) e é “filho da sofística amoral” (2010, p.218). Sobre caracterização sofística de Etéocles em *As Fenícias*, ver também Sousa Junior (2017). Além disso, Mastronarde (2010, p.290) chama à atenção para o fato de que o fracasso político dos irmãos se deve a sua juventude, tal como ocorre no reinado desastroso de Penteu em *As Bacantes*.

31 Expressão de Mastronarde (2010, p. 214). O Etéocles de Êsquilo, entretanto, é crítico dos discursos soberbos. Ele elogia o Pudor e as palavras sóbrias quando descreve o guerreiro Melanipo: “nobre, ele honra o trono de Pudor e tem horror às palavras sobranceiras, sem ações torpes, ele ama não a vileza” (409-11). Do mesmo modo, ele parece ser um crítico do discurso vão ao comentar a postura de Capaneu: “dos levianos pensamentos dos homens, a língua se torna o verdadeiro acusador” (438-9). Contra Partenopeu, Etéocles diz: “Actor (...), não permitirá a língua carente de ação fluindo dentro das portas nutrir males” (555-57). Até o último momento Etéocles se mostra refratário aos raciocínios retóricos para vencer a guerra. Assim, no fim do segundo episódio, quando o coro quer persuadi-lo a não combater, o diálogo se dá nos seguintes termos: “Coro: Não vás tu por estas vias à sétima porta.

Etéocles: Não embotará meu gume **com palavras**.

Coro: Deus todavia honra até a vitória fácil.

Etéocles: O hoplita não deve tolerar **essa fala**.” (714-17, negrito meu).

Sobre Eurípidés retórico na peça *As Fenícias*, ver Sousa Junior (2017).



Assim, mãe, falarei, nada escondendo:
eu iria até o horizonte dos astros do éter,
e abaixo da terra, se fosse capaz de fazer isso,
de modo a participar do maior dos deuses: a Tirania.
Pois este bem, mãe, não desejo passar
a outro, mais do que retê-lo comigo.
Falta hombridade a quem perde o muito
e fica com o pouco! (...)
O cetro, porém, não cedo!
Se cabe a mim reinar, serei eu servo dele?
Pois que venha o fogo, que venha o gládio!

CONCLUSÕES

Ao contrário de análises que fazemos hoje dos eventos políticos, a tragédia grega ainda não separava a ação política do âmbito religioso que perpassava a história pessoal dos seus personagens. Em outras palavras, hoje, no caso da queda ou golpe de governantes, não se procura na história de seus antepassados feitos errados que os condenariam à ruína. Ao contrário, essa “genealogia do erro” tinha papel fundamental na maneira como Ésquilo e Eurípides entendiam a história dos homens que brigaram pelo poder da cidade de Tebas. Comum a ambos os tragediógrafos, portanto, era entender a querela dessa cidade como resultante de eventos que não podiam mais ser alterados, ou seja, que pertenciam ao passado.

Entretanto, como se viu, Ésquilo e Eurípides compuseram, respectivamente, *Os Sete Contra Tebas* e *As Fenícias* em tempos consideravelmente distintos e apresentaram essas peças, por conseguinte, para audiências já bastante diferentes. Ésquilo está mais atento à relação de Etéocles com o passado problemático de sua família, conferindo menos relevância ao debate acerca da legitimidade do poder desse personagem. *Os Sete contra Tebas* é uma peça “cheia de Erinies” pois, em última instância, fica bastante ressaltada a influência dessas divindades no destino inexorável a que caminham os dois irmãos. Eurípides, por sua vez, também delinea a herança sobrenatural a que Etéocles e Polinices estão submetidos e de que são reflexo, mas não deixa de questionar as ações de Etéocles em um âmbito político. Em suma, a diferença essencial entre as duas peças está no aparato de debate que um tragediógrafo pretere, enquanto outro utiliza para enriquecer o enredo. Assim, Ésquilo não dá voz a Polinices, enquanto Eurípides o faz. Não é decisivo esse recurso para a ação dramática, visto que o fim ruinoso dos dois personagens é o mesmo, mas ele mostra como os dois poetas produziram abordagens trágicas peculiares



para a mesma questão. Assim, pode-se dizer que a diferença marcante entre o Eteócles esquiliano e o euripídiano é fruto do tempo em que as peças foram compostas – este é o governante inescrupuloso que se vale de recursos sofisticados para justificar sua presença no trono, aquele é o bom governante cujo zelo por defender a cidade nunca é posto em dúvida. Ambos, entretanto, estão sujeitos a sucumbir pela força de poderes maiores e intangíveis a eles. Esse é a maneira peculiar, pertencente mesmo ao gênero trágico, de entender esse embate que é comum aos dois tragediógrafos.

Abstract: In this essay I intend to analyse if it is appropriate to qualify Eteocles' characterization in Aeschylus' *Seven Against Thebes* and in Euripides' *Phoenissae* as a political rascal who performs a *coup d'état*. I will contrast these two plays by investigating the main elements which influence Eteocles' deeds, whether they are accomplished on stage, whether they are only evoked by any other character as belonging to the past. Aeschylus and Euripides, poets from different ages, although they outline a different political frame about the succession to the throne in Thebes, they tend to one point when they draw Eteocles' downfall.

Keywords: Aeschylus, Euripides, *Phoenissae*, *Seven Against Thebes*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMIECH, Christine. **Les Phéniciennes d'Euripide: Commentaire et Traduction**. Paris: L'Harmattan, 2004.
- CRAIK, Elizabeth. **Euripides. Phoenician Women**. (Edited with translation and commentary). Warminster: Aris & Phillips Ltd, 1988.
- DAVIES, Malcom (ed.). **Epicorum Graecorum Fragmenta**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1988.
- FRANCISCATO, Cristina. **Euripides. Héracles**. (Introdução, Tradução e Notas). São Paulo: Editora Palas Athena, 2003.
- FRTZ, Kurt. "Eteocles in Seven Against Thebes." In: LLOYD, Michael. **Oxford Readings in Classical Studies. Aeschylus**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- FROIDEFOND, Christian. "La double fraternité d'Étéocle et de Polynice (les Sept contre Thèbes, v. 576-579)". **Revue des Études Grecques**, tome 90, fascicule 430-431, Juillet-décembre 1977. p. 211-222.
- GANTZ, Timothy. "The Aischylean Tetralogy: Attested and Conjectured Groups." In: LLOYD, Michael. **Oxford Readings in Classical Studies. Aeschylus**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- GOFF, Barbara. "The Shields of *Phoenissae*". **Greek, Roman, and Byzantine Studies**, 1988, p. 135-52.
- HOGAN, James. **A Commentary on the Complete Greek Tragedies. Aeschylus**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1984.



MASTRONARDE, Donald. "Are Euripides 'Phoinissai' 1104-1140 Interpolated?". *Phoenix*, v. 32, n. 2, 1978, p. 105-128.

_____. **Euripides. Phoinissae.** (Edited with introduction and commentary). Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. **The Art Of Euripides. Dramatic Technique and Social Context.** Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

MEDDA, Enrico. **Euripide. Le Fenicie.** (Introduzione, premessa al testo, nota al testo, traduzione e note di Enrico Medda). Milano: RCS Libri, 2006.

MOREAU, Alain. "Polynice le querelleur". **Bulletin de l'Association Guillaume Budé**, n. 3, 1988, p. 224-231.

ROSENMEYER, Thomas. **The Art of Aeschylus.** Berkeley: University of California Press, 1982.

SOMMERSTEIN, Alan. **Aeschylus. Fragments.** (Ed. e trad.) Cambridge: Harvard University Press, 2008.

SOUSA E SILVA, Maria. "Etéocles de *Fenícias*. Ecos de um sucesso". In: SOUSA E SILVA, Maria. **Ensaio sobre Eurípides.** Viseu: Cotovia, 2005.

SOUSA JUNIOR, Waldir. **As Fenícias de Eurípides: estudo e tradução.** 2015. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

_____. "Eurípides retórico: estudo e tradução do agón lógon de Etéocles e Polinices (*As Fenícias*, 443-637)". **Alétheia – Estudos sobre Antiguidade e Medievo**, n. 1, 2017, p. 45-65.

THOMSON, George. **Aeschylus and Athens. A Study in the Social Origins of Drama.** New York: The Universal Library, 1968.

TORRANO, José. **Êsquilo. Tragédias.** (Estudo e Tradução). São Paulo: Editora Iluminuras Ltda., 2009.

VERNANT, Jean-Paul. **Mito e Tragédia na Grécia Antiga.** (Trad. Anna Lia de Almeida Prado et alia). São Paulo: Ed. Perspectiva, 2008. [1ª. Ed. Orig.: 1981]